



METROPOLE

SSA-BA

Notícias | Programas | Opinião | Conteúdo

02 OUT 2025



GRADUAÇÃO QUE CABE NO 3G

O ensino superior a distância cresce acelerado na Bahia, mas o aumento de matrículas vem acompanhado de queixas, evasão e falta de qualidade. Págs. 2 a 4.



Com digital de Temer, PL da Anistia usa discurso de pacificação para reduzir penas de réus por trama golpista. Pág. 6



Documento comprova que reforma no Centro Histórico foi transformada sem autorização em rooftop. Págs. 8 e 9



Primeiro museu tecnológico da América Latina, MCT completa 8 anos de portas fechadas e promessas frustradas. Pág. 9

Diploma por WI-FI

Matrículas em cursos EaD quase dobram na Bahia, mas crescimento acelerado esconde fragilidades e estratégias mercadológicas que transformam educação superior em produto

Texto **Ismael Encarnação**
redacao@radiometropole.com.br

O ensino superior à distância deixou de ser coadjuvante para se tornar aquele personagem que aparece quase tanto quanto o protagonista - uma espécie de Maria de Fátima que rouba o destaque de Raquel em qualquer remake de Vale Tudo. E, a Bahia, que não gosta de ficar de fora de uma muvuca, apontou crescimento significativo. Em cinco anos, o número de matrículas quase dobrou: eram 132 mil em 2019, hoje já são 247 mil, um número que beira um salto de 90%.

Se engana quem pensa que tudo isso é em Salvador. A capital baiana lidera, mas cidades como Feira de Santana, Jequié e Vitória da Conquista também têm destaque nesta

corrida à distância. É um crescimento acelerado que tem sido vendido como democratização, mas as estatísticas escondem fissuras importantes.

A VIRADA DA PANDEMIA

A pandemia foi o motor do arco narrativo desse coadjuvante. O ensino remoto, aperfeiçoado como solução emergencial para a pandemia, acabou se consolidando como política permanente. Plataformas digitais, antes improvisadas, viraram a base de uma expansão que não parou nem com o retorno das aulas presenciais. Ao contrário, se fortaleceu como lógica empresarial: mais vagas, custos menores, turmas maiores.

Só que a curva de matrículas veio acompanhada de outra um

pouco menos celebrada: a das reclamações. No Procon-Ba, as queixas contra cursos EaD cresceram mais de 300% em três anos. Em 2022, eram 157 registros; em 2024, chegaram a 637. Até setembro de deste ano já passam de 400. Os problemas mais comuns envolvem propaganda enganosa, cobranças abusivas e falta de suporte pedagógico. Na prática, muitos alunos encontram barreiras logo após a matrícula - e a promessa de acesso dá lugar à frustração.

O que se vê é um paradoxo. O EaD abriu portas para milhares de estudantes, mas também consolidou um modelo que privilegia escala em vez de qualidade. O aumento das queixas no Procon expõe essa distância entre o discurso de democratização e a realidade dos cursos oferecidos.



49%
dos estudantes de ensino superior na Bahia estão na modalidade de ensino à distância

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Conselho editorial **Claudia Pereira, Jairo Costa Jr., Juliana Lopes, Mariana Bamberg, Nardele Gomes e Natália Freitas**
Redação **Fabiana Lobo, Ismael Encarnação, Izabela Prazeres, Jairo Costa Jr., Kamille Martinho e Vítor Bahia**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**

Revisão **Redação**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Redes no domínio

Em um mercado educacional cada vez mais dominado por conglomerados privados, a lógica é clara: captar em massa, reduzir custos e ampliar margens de lucro. O que deveria ser formação crítica e cidadã se converte em produto padronizado, embalado em videoaulas e apostilas digitais. Vice-reitor da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Penildon Silva Filho chama atenção justamente para a necessidade de diferenciar a massificação da inclusão do ensino. “Ampliar matrícula é fácil. O difícil é garantir que os estudantes concluam o curso com qualidade”, afirma.

A maioria das faculdades privadas já operava sem pesquisa, sem extensão. O que o EaD fez foi ampliar uma dinâmica que o setor privado pratica há décadas

Penildon Silva Filho
Vice-reitor da Ufba

ESPECIAL



METROPOLE

Inclusão real ou de vitrine?

De Salvador às cidades do interior, o discurso das instituições privadas é o mesmo: flexibilidade, mensalidades reduzidas e diploma ao alcance de todos. Para populações historicamente excluídas do sistema – trabalhadores que acumulam jornadas, mães solo que não têm com quem deixar os filhos, moradores do interior sem campus por perto e pessoas com deficiência que enfrentam bar-

reiras físicas –, a promessa soa como a realização de um sonho.

E há, de fato, histórias que confirmam esse potencial. Estudantes que jamais conseguiriam se deslocar até a capital para estudar agora acessam conteúdos de graduação de dentro de casa. A superintendente de Ensino a Distância da UFBA, Márcia Rangel, celebra isso. Para ela, a modalidade “democratiza quando

garante que quem estava fora do radar universitário finalmente tenha a chance de entrar”.

No entanto, a inclusão nem sempre se sustenta para todos. A evasão permanece alta e denuncia o outro lado da moeda. Para a professora Joséfa Santana, doutora em Difusão do Conhecimento, é muito simples: “sem suporte pedagógico, o EaD vira apenas acesso formal, não inclusão real”.

Diplomas à venda

Estudantes também percebem os efeitos dessa lógica. O estudante de matemática Alan Ramos, que trocou o presencial pelo online, admite a economia, mas critica a superficialidade: “Conheço gente cursando engenharia que não sabe multiplicar. No fim, a graduação acaba virando só um papel”. Sua experiência revela a con-

tradição central: o acesso se amplia, mas a qualidade se fragiliza.

SAÚDE REMOTA

Para áreas que envolvem cuidado direto com pessoas, como saúde e psicologia, a preocupação é ainda maior. O hepatologista e professor da

Ufba Raymundo Paraná não tem dúvidas de que o EAD na saúde responde muito mais a interesses financeiros do que a compromissos pedagógicos. Para ele, a ausência de contato com tutores e a falta de vivências humanas tornam impossível formar bons profissionais de medicina ou enfermagem nessa modalidade.



Solução ou fachada?

A regulação do ensino superior a distância ganhou novos contornos neste ano, quando o governo federal publicou o Decreto nº 12.456. O texto foi considerado um divisor de águas: proibiu cursos de saúde e Direito totalmente online e estabeleceu exigências de presencialidade em outras áreas sensíveis, como Farmácia, Odontologia e licenciaturas, que precisam manter parte significativa da carga horária em atividades presenciais. A medida atendeu a pressões de conselhos profissionais e de setores acadêmicos que já denunciavam a precarização da formação.

A criação da categoria semipresencial foi uma das principais novidades. Cursos nesse formato passaram a exigir percentuais mínimos de aulas práticas, laboratórios e estágios, além da realização de provas presenciais. Também foi prevista a figura do mediador pedagógico e a exigência de infraestrutura mínima nos polos, tentando frear a proliferação de polos improvisados que funciona-

vam apenas como fachada comercial.

Apesar do avanço, os conselhos profissionais, em sua maioria, concordam que a eficácia da nova política dependerá menos da letra do decreto e mais da capacidade do Estado em fiscalizar e coibir abusos. Sem acompanhamento efetivo, há o risco de que a legislação seja apenas um marco simbólico, incapaz de frear práticas de conglomerados privados que pressionam por “flexibilizações” constantes.

SAÚDE MENTAL E SOLIDÃO

A pressão por produtividade e a solidão do ensino à distância têm impactos diretos sobre a saúde mental dos estudantes. A psicóloga Isabelle Nossa avalia que o formato exige um grau elevado de autonomia e disciplina, o que pode gerar sobrecarga e ansiedade. Segundo ela, “o EAD tende a pesar mais pela solidão e pela necessidade de autorregulação do estudante”. Não é o formato em si que adocece, mas a forma como é estruturado, destaca.

O que dizem os conselhos

CREMEB

O Conselho Regional de Medicina da Bahia considera que a prática médica não pode ser transferida para telas ou simuladores. Para o presidente do Conselho, Otávio Marambaia, a formação médica precisa ser presencial, só ela garante a qualidade do profissional. A aprovação de cursos EaD para a área representaria risco direto à saúde pública.

CRP

O Conselho Regional de Psicologia também é taxativo: a profissão exige contato humano, escuta e supervisão presencial. Afinal, a prática da profissão se estrutura em dimensões impossíveis de serem reproduzidas a distância, como a escuta, a observação de comportamentos e a construção de vínculos.

CREA

Na engenharia, a ausência de laboratórios e experimentação real compromete a construção do conhecimento. O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (CREA-BA) ressalta que, embora simuladores digitais ajudem, não substituem experiências concretas. A formação em áreas técnicas exige contato físico com materiais, estruturas e processos, além da mediação direta de docentes.



Planos de Saúde Empresariais

Priorizar a saúde dos seus colaboradores é investir no sucesso e no futuro da sua empresa.

Com os Planos de Saúde Empresariais Promédica, você conta com mais de 50 anos de experiência, com 4 hospitais próprios, 8 centros médicos, rede de laboratórios Datalab e rede credenciada.

Tudo isso com a administração aqui na Bahia, ao seu lado.

Para mais informações, ligue:
(71) 3271-9115.

Promédica 
Muito Mais Saúde

Dosimetria

A anistia de terno e digital golpista

Com nomes como Michel Temer, Paulinho da Força e Aécio Neves na articulação política, projeto no Congresso promete reduzir em até 11 anos penas de envolvidos na trama golpista

Texto **Daniela Gonzalez**
 daniela.gonzalez@metro1.com.br

O PL da Dosimetria nasceu da mesma escola de truques semânticos que já produziu jabutis legislativos e malabarismos jurídicos. Algo que tentaram fazer com a PEC da Bandidagem, sugerindo o nome PEC das Prerrogativas. Depois do desgaste da palavra “anistia”, que soava como um tapa na cara da democracia, trocaram o rótulo e venderam a novidade: dosimetria. Parece técnico, quase neutro, como se fosse um ajuste cirúrgico no Código Penal. Mas na prática é apenas a velha anistia disfarçada, um presente embrulhado para quem tentou incendiar o país em janeiro de 2022.

REUNIÃO DE ALTO NÍVEL

Paulinho da Força (Solidariedade-SP), o relator do PL, garante que tem aval até de ministros do Supremo Tribunal Federal, e circula pelos corredores com sua versão “enxuta” do texto. Enxuta de pudor, cheia de conveniências.

Nos bastidores, a digital de Michel Temer está estampada. O ex-presidente, que assumiu graças à manobra que acabou com o impeachment de Dilma, voltou à cena política como padrinho da ideia e negociador de luxo, ao lado de Aécio Neves (PSDB-MG). Os três - Paulinho, Temer e Aécio - chegaram a se encontrar para discutir o ‘melhor’ caminho para emplacar o texto.

O tamanho do absurdo

O projeto prevê a redução das penas em até 11 anos, atingindo diretamente Jair Bolsonaro, condenado a mais de 27 anos por liderar a tentativa de golpe. Ele, inclusive, diferente do filho Eduardo Bolsonaro que quer a anistia “ampla, geral e irrestrita”, já avisou a aliados que aceita votar o PL da Dosimetria.

billy boss/camara dos deputados



billy boss/camara dos deputados



kayo magalhaes/camara dos deputados



PRESSÃO E CHANTAGEM

Enquanto isso, o presidente da Câmara, Hugo Motta, tenta posar de árbitro neutro, mas o jogo é de pressão e chantagem. Paulinho chegou a condicionar a votação do

projeto de isenção do IR, que foi a plenário nesta quarta-feira (1º), à aprovação da dosimetria. Já Tarcísio de Freitas, de olho em 2026 e na vitrine de São Paulo, prefere chamar a manobra de “caminho de pacificação”. Para ele, não se pode falar em redução de penas quando há “pessoas presas por crimes que não cometeram”, argumento que, na prática, abre espaço para um perdão amplo, inclusive para Bolsonaro.

que devem pagar mais caro.

A LÓGICA DA IMPUNIDADE

E se o enredo parece familiar, não é coincidência. A PEC da Bandidagem também tentou blindar políticos de investigações. Ambos compartilham a mesma lógica perversa de reduzir punições, aumentar imunidades e reescrever crimes graves como se fossem contratempos burocráticos.

O RECORTE BAIANO

Do lado baiano, dois líderes dão o tom. Otto Alencar (PSD) propõe um recorte social: redução da pena só para quem participou do 8 de janeiro e recebe até cinco mil reais por mês. Já Jaques Wagner (PT) reconhece que o Congresso pode discutir o tema, mas defende a distinção entre os “bobos da corte”, massa de manobra que quebrou vidraças, e os verdadeiros mandantes, que ficaram confortáveis na arquibancada. Para ele, são estes

O Congresso segue em compasso de espera, sem arquivar o projeto da Anistia. Não é falta de razões para sepultá-lo; é excesso de conveniência. Brasília continua flertando com a impunidade, embalando crimes contra a democracia em discursos de “paz” e “reconciliação”. E assim, enquanto a sociedade encara os escombros do 8 de Janeiro, seus algozes aguardam, pacientes, pela mágica legislativa que transformará golpe em mal-entendido.

O jornalista Janio de Freitas comentou esse encontro: “É absolutamente inaceitável estarem agora a discutir uma ideia surgida de Michel Temer, em reunião com Paulinho da Força e Aécio Neves. Não há possibilidade de fazer uma reunião pior como composição política e humana para tratar de assuntos tão irrelevantes. É inacreditável, estamos em suspense neste momento”

Que p... é essa?

QUEIMADURA DE BRINDE

Tem decisões urbanas em Salvador que de tão absurdas só podem esconder uma genialidade secreta. Desde que surgiram as novas lixeiras de inox na orla da Barra, a redação especula: será que a intenção era disputar espaço com as chapas de churrasquinho ao meio-dia, transformando o lixo em grelhado? Ou criar um novo dress code pra praia, obrigando os soteropolitanos a usar luvas térmicas? Talvez a meta seja turbinar o mercado de óculos escuros, já que o reflexo da luz nelas é quase um segundo sol. Genialidade tem que ter — a gente prefere acreditar nisso.



divulgação

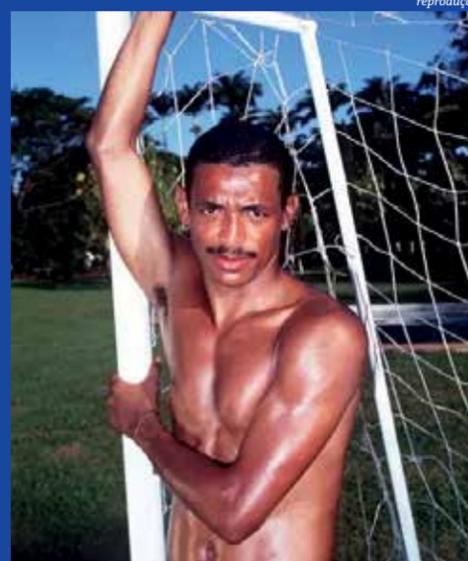
Na boca de Matilde

Alguns dos temas mais citados nas profundezas da internet nesta semana:

#Vampeta

Ele voltou com tudo a ser um dos nomes mais comentados do Brasil - pelo menos na internet. E não era para menos, Vampeta teve a pachorra de anunciar que fará um segundo ensaio sensual e ainda ameaçou: “Meu segundo ensaio +18. Prepare-se”.

reprodução



Todo mundo fala, todo mundo ouve

Comentários de ouvintes feitos na Rádio Metropole

Sou professor de História e tive a experiência de poder trabalhar tanto no ensino público como no ensino particular. E eu gostaria de começar a minha fala com uma frase que diz assim: eu sei que a educação pode não ser a solução para todos os problemas do nosso país, mas eu sei que a solução para todos os problemas do nosso país passa pela educação. Se a gente tem uma juventude que não é politizada hoje, isso está diretamente ligado à educação, ao sucateamento do ensino, à pouca participação do ensino. Em uma escola onde o pai paga R\$ 4 mil nos módulos e R\$ 6 mil na mensalidade, ele fala para o colégio que quer que o dinheiro seja bem gasto e que aquele conteúdo seja todo utilizado. A escola vai falar para o professor que, se ele quer manter o emprego, vai ter que trabalhar o livro didático o ano inteiro. Não vou conseguir politizar esse aluno preso ao livro didático. Na rede pública, como a gente vai politizar se a gente tem um aluno que na aula de português não sabe conjugar o verbo? Como falar na politização dessa galera?

IGOR, PROFESSOR

Comentário sobre a ausência de jovens nas mobilizações populares e discussões políticas

Vá com força!



A indicação da semana é o terceiro livro de Itamar Vieira Junior, “Coração Sem Medo”, recém lançado. Vencedor do prêmio Jabuti, Itamar traz sempre uma narrativa rica e emocionante, com conexão com a cultura afro-brasileira e denúncias da desigualdade social. Em “Coração Sem Medo” ele encerra a “Trilogia da terra” iniciada em “Tordo Arado” com a história de Rita Preta, operadora de caixa e mãe de três filhos, que vê sua vida transformada quando um deles some sem deixar rastro na comunidade onde mora, em Salvador. Um romance onde os personagens lutam pela dignida-

de assegurada por um pedaço de terra. Um livro sobre território, herança cultural, religiosidade e emancipação feminina. É uma oportunidade para conhecer o texto de Itamar saindo do já conhecido “Tordo Arado”.

Para leitor do JM, tem desconto de 15% em “Coração Sem Medo” no site e nas lojas físicas da LDM, é só usar o METROINDICA15 ou informar no balcão. Comprando até 12/10, você recebe o livro autografado. Delivery gratuito para Salvador e Lauro de Freitas. Previsão de entrega a partir de 20/10 + prazo do frete escolhido.



divulgação



Documento prova que construção de rooftop foi ilegal

Parecer do Iphan obtido pelo Jornal Metropole comprova que cobertura com piscina em casarões de área tombada no Centro Histórico foi erguida sem aval do órgão

Texto **Jairo Costa Jr.**
jairo.costa@radiometropole.com.br

Um parecer técnico expedido pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional na Bahia (Iphan) comprova que houve ilegalidade na construção de um rooftop sobre dois imóveis situados em frente à Praça Municipal e inseridos no conjunto arquitetônico tombado desde 1984. O documento assinado em 5 de junho deste ano pelo arquiteto e urbanista João Gustavo Andrade Silva, que atua na Coordenação Técnica do órgão, mostra que a empresária Andrea Velame, idealizadora das Casas Conceito, só havia tido autorização prévia do Iphan para realizar reforma simplificada em dois casarões antigos, utilizados para abrigar a nova edição da mostra de decoração e design de interiores, conforme revelado pelo portal Metro1.

O próprio relatório descreve os tipos de intervenção que receberam anuência do instituto. Na fachada, foram autorizadas “a pintura de toda a alvenaria, elementos decorativos e esquadrias existentes, substituição de dobradiças e vidros das esquadrias”. Já no interior dos imóveis, Andrea Velame obteve aval para acrescentar estruturas de alvenaria, instalação de novos

pisos, revestimentos e forros, além da execução completa da infraestrutura elétrica e hidráulica necessária ao funcionamento da mostra. “Todas as ações respeitarão as características

arquitetônicas do imóvel, priorizando sua integridade e valorização”, destacou o pedido apresentado pela equipe responsável pelas obras da exposição. Mas não foi assim que a banda tocou.

Parecer técnico do Iphan



Ministério da Cultura
 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PARECER TÉCNICO N.º 179/2025/COTEC IPHAN-BA/IPHAN-BA

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO BEM	
Nome Interessado	Identificação do Bem
D.COM Decoração e Comunicação Ltda. (CNPJ 07.527.977/0001-00) Andrea Velame de Azevedo Barreto (representante)	Conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico do centro histórico de Salvador.
Nº Processo Administrativo	Endereço do Bem
01502.000955/2025-35	Rua da Misericórdia, nº 03 e 05, Centro Histórico, Salvador/BA.
ANÁLISE	
Descrição Sumária da Intervenção Proposta	
<ul style="list-style-type: none"> • Descrição das intervenções, contida no Requerimento (SEI 6344708); • Projeto arquitetônico, contendo planta de situação, cobertura, plantas-baixas, cortes e fachadas (SEI 6344747). <p>5. Observou-se que houve uma contradição entre as intervenções pretendidas e os objetos de intervenção contidos no requerimento e no projeto arquitetônico. Então este Iphan entra em contato com o requerente, e através de comunicação via telefone e reuniões, foi esclarecido que esta primeira solicitação trata-se das intervenções simplificadas de manutenção nos imóveis localizados à Rua da Misericórdia nº 03, e 05, conforme consta no Requerimento.</p> <p>5.1. Logo, este Parecer Técnico faz a análise ao recorte referente, só e somente só, às obras simplificadas de intervenção. As demais solicitações de obras e reforma destes mesmos imóveis, acrescentando-se o imóvel de nº 01 (onde esta localizada uma agência do Bradesco, no primeiro pavimento), serão analisadas em um segundo Parecer Técnico, após envio de material complementar técnico, já solicitado ao requerente.</p>	



Ao arrepio da lei

Sem qualquer tipo de autorização antecipada do instituto, o que é exigido pelas normas que regem bens tombados de forma individual ou conjuntamente no país, foi construída uma cobertura de 500 metros quadrados com piscina, cuja área foi dividida entre um dos prédios históricos do chamado Casario da Misericórdia e o imóvel de três pavimentos onde funciona há décadas uma agência do Bradesco. O espaço foi projetado para abrigar o Ori Rooftop, restaurante de alto padrão pilotado pelo casal de chefs Fabrício Lemos e Lisiane Arouca, do Grupo Origem. A obra, inclusive, foi alvo de alerta por parte do técnico responsável pelo parecer.

“Observou-se que houve uma contradição entre as intervenções pretendidas e os objetos de intervenção contidos no requerimento e no projeto arquitetônico. Então este Iphan entra em contato com o requerente (Andrea Velame), e através de comunicação via telefone e reuniões, foi esclarecido que esta primeira solicitação trata-se das intervenções simplificadas de manutenção nos imóveis localizados à Rua da Misericórdia nº 03 e 05, conforme consta no Requerimento. Logo, este Parecer Técnico faz a análise ao recorte refe-

rente, só e somente só, às obras simplificadas de intervenção. As demais solicitações de obras e reforma destes mesmos imóveis, acrescentando-se o imóvel de nº 01 (onde está localizada uma agência do Bradesco, no primeiro pavimento), serão analisadas em um segundo Parecer Técnico, após envio de material complementar técnico, já solicitado ao requerente”, ressalta o documento.



danilo puridade/metropress

Vista grossa

O Iphan só não explica porque não realizou o embargo da obra, como determina a legislação, mesmo com a sede da superintendência regional do órgão situada na Barroquinha, a poucos metros das Casas Conceito. Tanto a exigência quanto as penalidades para quem infringe a lei também estão descritas no documento obtido com exclusividade pelo Jornal Metrópole: “Enfatiza-se que qualquer intervenção sobre o sítio tombado deve ser precedida de anuência do Iphan e que alteração do aspecto de local especialmente protegido por lei, sem licença da autoridade competente, constitui crime contra o patrimônio, de acordo com o Decreto-Lei nº 25/1937, que, regulamentado pela Portaria nº 187/2010, salienta que o autor do dano ao bem com tombamento nacional poderá ser notificado, receber embargo extrajudicial, com paralisação imediata das obras, e ser multado no valor de 50% do dano causado, a ser calculado pelo Iphan”.

LIVRE, LEVE E SOLTO

Em duas notas de esclarecimento, encaminhadas à reportagem somente após intervenção da assessoria de comunicação do Ministério da Cultura, ao qual o instituto é subordinado, o Iphan limitou-se a dizer, primeiro, que “qualquer outra intervenção na edificação, que não tenha sido objeto de aprovação prévia, será apurada e analisada para eventual regularização, adequação ou reparação em caso de qualquer dano”; e segundo, que os responsáveis pela atividade no Casario da Misericórdia, no Centro Histórico de Salvador, apresentaram projeto de regularização ao Instituto e, após análise do projeto, o Iphan recomendou ajustes, e o processo para regularização da intervenção segue tramitando”. Enquanto isso, o rooftop do futuro hotel de luxo Villa Andrea segue livre, leve, solto e ao arrepio da lei para deleite de quem pode pagar por ele.



Especial Cidade do Abandono

Museu morto e enferrujado

De símbolo de futuro a ruína esquecida, Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia permanece há oito anos fechado à espera de uma revitalização que nunca sai do papel.

Texto **Fabiana Lobo**

redacao@radiometropole.com.br

Se tem um lugar onde ciência e tecnologia combinam com ferrugem e abandono, esse cenário é o Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia (MCT-BA). Pelo menos é o que os oito anos de portas fechadas e acervo sem destaque nos fazem acreditar. O equipamento, primeiro museu tecnológico da América Latina, foi desativado em 2017 e desde então permanece à mercê do tempo, com estrutura deteriorada e jardins tomados pelo mato.

A verdade é que o incentivo à ciência nunca foi tão marcante na Bahia quanto no dia 17 de fevereiro de 1979, quando o então governador Roberto Santos inaugurou, no bairro do Imbuí, o MCT-BA. Um espaço moderno, pensado para popularizar o conhecimento e aproximar crianças, jovens e professores de temas como inovação, sustentabilidade e tecnologia.

Em suas últimas entrevistas como ex-governador, Roberto Santos chegou a lamentar o abandono a suas obras, citando nominalmente o MCT. E ele não estava só. Em 2014, a comunidade científica também protestou quando dezenas de equipamentos que ajudaram a despertar o interesse científico em jovens baianos foram empilhados no saguão do museu, como carcaças à espera de uma transferência para o Parque Tecnológico da Bahia, na Avenida Luís Viana Filho (Paralela), seguindo um decreto do governo do estado. Até hoje, porém, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti) não confirma o paradeiro dessas peças.



filipe luiz/metropress



filipe luiz/metropress

QUANDO A BAHIA VIVEU CIÊNCIA

Nascido em meio ao processo de industrialização da Bahia, o museu reunia planetário, anfiteatro, laboratórios e biblioteca, tudo em uma estrutura planejada para receber até 1,5 mil pessoas de uma só vez. Ali, exposições interativas de física, química e biologia faziam sucesso entre as escolas da cidade. As peças históricas do acervo reforçaram o peso simbólico do espaço: a rotativa Frankenthal, que imprimia o Diário Oficial da Bahia, um engenho de moer cana doado por Dom Basílio e até uma aeronave ATT-33 Lockheed, enviada pelo Ministério da Aeronáutica em 1981. E ainda maquetes, réplicas e modelos que traduziam, por um tempo, conceitos complexos em linguagem acessível.

filipe luiz/metropress



VIROU BRINQUEDO VELHO

Mas a combinação de 'ciência e tecnologia' com 'movimento, educação e lazer' não sobreviveu às trocas de gestão e falta de planejamento. Depois da saída de Roberto Santos, o museu enfrentou cortes orçamentários, ausência de manutenção e sucessivas trocas na administração. Ao longo dos anos, foi jogado de uma mão para outra como brinquedo velho: ficou sob responsabilidade da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia da Bahia (Seplantec), da Fundação Cultural do Estado, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e, mais recentemente, da Secti.

As visitas - de um museu pensado para ser interativo - foram suspensas de vez em 2010, depois de um fechamento temporário para manutenção no teto. Dois anos depois, a Secti anunciou um projeto de requalificação, mas nada saiu do papel. Outros chegaram a ser apresentados, mas também não foram para frente. O único projeto concretizado foi o fechar de portas final, que aconteceu em 2017. Desde então, o espaço permanece sem uso, tomado pela vegetação e pelo limo que se espalham no terreno, em processo acelerado de degradação.

Procurada pela reportagem, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação da Bahia (Secti) informou que passou recentemente por uma mudança de gestão e que a nova equipe assumiu o compromisso com o Museu. Segundo a pasta, foi criado um Grupo de Trabalho multidisciplinar, com o objetivo de estudar o histórico do equipamento e subsidiar a construção de um Plano de Revitalização - uma promessa já muito feita na história do MCT-BA, que nasceu como símbolo de futuro, mas hoje só pede para não ser esquecido.



**O mais falado da cidade,
agora nas livrarias.**

Riso—Choro.

O livro de Mário Kertész.

Disponível nas livrarias

**AJUSTINO • AMAZON • EDUFBA • ESCARIZ
LDM • LEITURA • LIVRARIA CULTURA • SEG LIVROS**





Eduardo, Joesley e o hambúrguer

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

O tempo digital corre muito rápido. Tão rápido que as pessoas que hoje fazem discursos inflamados de ódio ou amor eterno ao governo de plantão anos depois esquecem tudo. Lá pelos idos de 2019, começo do governo Bolsonaro, Eduardo, o filho 03, alimentou seriamente o sonho de ser indicado por papai como embaixador dos Estados Unidos. Para o cargo, Dudu apontava suas credenciais de ouro. Afirmava que seu nome não estava cogitado apenas por ser filho do presidente.

“Eu tenho vivência de mundo. Já fiz intercâmbio lá, já fritei hambúrguer lá nos Estados Unidos, no frio do Maine, estado que faz divisa com o Canadá. No frio do Colorado, numa montanha lá, aprimorei meu inglês, vi como é o trato receptivo do norte-americano para os brasileiros”. São aspas dele em 2019. Seis anos depois, Eduardo, vejam só, esbarra de novo no hambúrguer americano, desta vez em circunstâncias mais hostis. O hambúrguer fez girar ao contrário seu até então projeto pessoal e familiar de ferrar com o Brasil, com ministros do Supremo e com

segmentos econômicos que, graças a ele, perderam milhões nos últimos meses.

A QUÍMICA DO BOI

Agora se sabe: quando Donald Trump, do palco da ONU, anunciou sua inflexão de humor a favor de Lula, anunciando uma tal de “química excelente”, o que estava por trás eram os hambúrgueres da JBS, dos irmãos Batista, Joesley e Wesley, a dupla que encarna o reinado do boi e do frango, aqui e lá fora. Joesley é o verdadeiro dono da química, oriunda das carnes de seus bois exportados para os Estados Unidos e sem os quais o americano da classe média para baixo fica privado da sua dieta essencial.

Donos de frigoríficos, bancos, empresas de energia e indústrias de celulose, Joesley e Wesley foram os maiores doadores, em milhões de dólares, para a campanha e para a festa de posse de Trump. Para a campanha de Biden também. Sim, o mesmo hambúrguer que Eduardo considerava suficiente para lhe tornar embaixador do Brasil na gringa agora desmontou seu

castelo de areia de interlocutor da família no governo Trump para ferrar com Lula, o Brasil e as importações. No reino dos hambúrgueres, sentou à mesa alguém com mais poder de convencimento que o dele, pois mensurado em bilhões de dólares, contra os quais todo argumento ideológico vale nada.

Quando Trump anunciou uma tal de “química excelente” com Lula, o que estava por trás eram os hambúrgueres da JBS, dos irmãos Batista

bruno spada/camara dos deputados



danilo verpa/folhapress



VARiedade de reclamações

Bahia e Vitória figuram entre os times com mais decisões desfavoráveis do VAR, mas números também derrubam narrativa de complô contra equipes nordestinas

Texto **Vitor Bahia**

redacao@radiometropole.com.br

No Brasil, existem três entidades universais: o corno que foi o último a saber, a dieta prometida para a segunda-feira e torcedor que reclama da arbitragem. Todo mundo é prejudicado pelo árbitro (agora, em especial, o VAR), ninguém é favorecido. Bahia e Vitória, bem como todos os clubes nordestinos, reivindicam ainda a posição de injustiçados pela ferramenta em relação aos rivais das regiões Sul e Sudeste. Seria delírio de torcedor ou realmente uma tônica do artifício?

O Tricolor é o terceiro time com o pior saldo entre decisões favoráveis e contra do árbitro de vídeo no Brasileirão 2025. Mas, claro, ao contrário do que os mais fanáticos acreditam, não quer dizer que eles foram prejudicados (ou 'roubados'), isso significa apenas que as decisões (certas ou erradas) não beneficiaram o Bahia. O Vitória vem logo em seguida, com o quarto pior saldo. Seria difícil passar por cima das narrativas de injustiça aos clubes nordestinos quando Ceará e Sport completam o ranking como respectivamente o segundo e o quinto time com piores saldos.

Mas o Corinthians, um dos times mais acusados de ser beneficiado por erros de arbitragem, vem para preencher a figura de advogado do diabo ao ocupar o primeiro lugar dos mais desfavorecidos. E o quão chocados ficariam os torcedores do Bahia ao descobrirem que, na verdade, desde a implementação do VAR em 2019, o Esquadrão foi um dos times que mais tiveram decisões a seu favor? O clube já figurou ao primeiro e segundo lugar de equipes com mais determinações a favor. Em 2019, inclusive, obteve 16 decisões favoráveis, o recorde em um único ano.

Antes que os negacionistas tecnológicos reclamem: a tecnologia não erra por si só, o erro é cometido pelos profissionais que a utilizam e, mesmo assim, é um retrospecto positivo se comparado ao período antecedente o VAR. O problema é que alguns não desejam justiça, mas sim o favorecimento, porque no fim das contas, tudo no futebol é justificado se o seu time está vencendo ou não.

A desculpa do gramado

Por falar em reclamação, os gramados são outros que também não passam batido na ladainha dos que saem derrotados. O Bahia venceu o Palmeiras nos dois turnos, mas 'o culpado' foi o gramado da Arena Fonte Nova. Segundo o time paulista, foi ele o vilão de lesões de Lucas Evangelista e Piquerez. Rogério Ceni rebateu: "Quem joga em sintético reclamar de natural... aí fica feio". A fala rendeu e o diretor palmeirense classificou a o posicionamento do técnico tricolor como "questão ética complicada". No fim, enquanto o Palmeiras discutia a cor da grama, o Bahia levava os três pontos para casa.

Para quem acredita

O Vitória já soma 80,4% de chances de rebaixamento. No ano passado, o drama chegou a 98,73%, e o time conseguiu escapar. Mas sorte, dizem, não bate duas vezes na mesma porta. Em 2025, a margem de erro é até maior, mas a receita continua a mesma: sofrimento, cálculo de estatística e o torcedor na espera do milagre. No Vitória, a matemática é só detalhe, a verdadeira arte é transformar o desespero em tradição.

Na pipoca de Bell

O Spaten Fight Night 2 terminou em clima de Carnaval de Salvador. Depois da luta entre Popó e Wanderlei Silva, a comemoração virou pancadaria generalizada, com direito a empurra-empurra, soco fora de hora e até nocaute no "tempo extra". Wanderlei saiu desacordado e com um corte no rosto; Popó, com a mão fraturada. Quem começou? Mistério. Só se sabe que o pós-luta pareceu mais a pipoca de Bell Marques do que um evento esportivo.





Orlando Silva: 110 anos do Cantor das Multidões

James Martins

Orlando Silva, o Cantor das Multidões, faria 110 anos amanhã. Sim, ele nasceu no dia 3 de outubro de 1915, no Rio de Janeiro, então ainda capital do Brasil. Órfão de pai e filho de uma lavadeira, o menino Orlando teve pouca instrução formal, mal tendo aprendido a ler e escrever. Porém, sua relação com as letras e melodias seria um verdadeiro primor e o consagraria como o maior cantor da história do país. E, o mais interessante, além de extremamente sofisticado, Orlando Silva também seria pop, pop, pop mesmo, daquele tipo que as mulheres

se rasgam à sua passagem, que lotam espaços públicos, que vendem milhões de cópias. Um mix de Roberto Carlos e João Gilberto — ambos, aliás, confessadamente influenciados por ele. Hoje, quando o Google dá, como resultado da pesquisa, antes o político que o cantor, é preciso lembrar quem foi o Orlando Silva de verdade, para que sirva de exemplo à nossa indústria cultural e ao pensamento nacional.

Dizem que seu sucesso era tanto que, apenas andando pelas ruas do Rio, era possível ouvir-lhe a voz maviosa sem in-

terrupção, pois todos os rádios estavam sintonizados na sua rádio. Fazer sucesso, no entanto, por incrível que pareça, não é tão difícil. O que Orlando Silva fez foi muito maior, um sucesso desafiando as engrenagens do sucesso fácil. Por exemplo: os compactos lançados à época traziam uma música forte de um lado e uma meira do outro, para não desperdiçar. Pois Orlando só queria servir o creme do creme, assim que o lado B de “Carinhoso” era “Rosa”, simplesmente. E suas interpretações não se destacavam pelo exibicionismo comum dos cantores de vozeirão. Não. Ele dividia com ousadia e malandragem, emitia com consciência, pronunciava com o esmero de um cantor das lieder de Schubert. Até porque sabia que Pixinguinha era mesmo um Schubert.

Enquanto Frank Sinatra ainda cantava por 15 dólares semanais, Orlando Silva praticamente inventava a cultura pop musical. Um artista do tamanho do Brasil, a que o Brasil precisa estar à altura.

Além de extremamente sofisticado, Orlando Silva também seria pop, pop, pop mesmo, daquele tipo que as mulheres se rasgam à sua passagem, que lotam espaços públicos, que vendem milhões de cópias



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro.

Fausto Silva

Creio que os fins de semana foram feitos na China. Não duram nada.

Trump

Tantas pessoas no mundo e os raios caem nas árvores.

Lindinalva

Seu pai trabalha com embalagens? Porque você é um saco.

Guto

Não tem sensação melhor do que ligar pra uma operadora pra contratar um plano novo. A gente é tão bem tratado que até a carência alivia.

Só os loucos sabem

Se a língua não entra, mete o dedo. O importante é acabar o Danone.

Vlad

Consulta com o psicólogo: R\$ 200
Contar a vida pro Uber: R\$ 7,60

Cida

O salário mínimo é como a menstruação. Vem 1 vez por mês, dura 3 ou 4 dias e quando se atrasa leva famílias à loucura.

Pedro Miau

Idoso é um jovem que deu certo.

Marley

Maturidade é terminar um relacionamento e nunca falar mal e nem amaldiçoar aquele satanás dos infernos que desgraçou sua vida.

Jane

Graças à IA, agora na minha cidade só tem modelo.

Flávia Vizinha

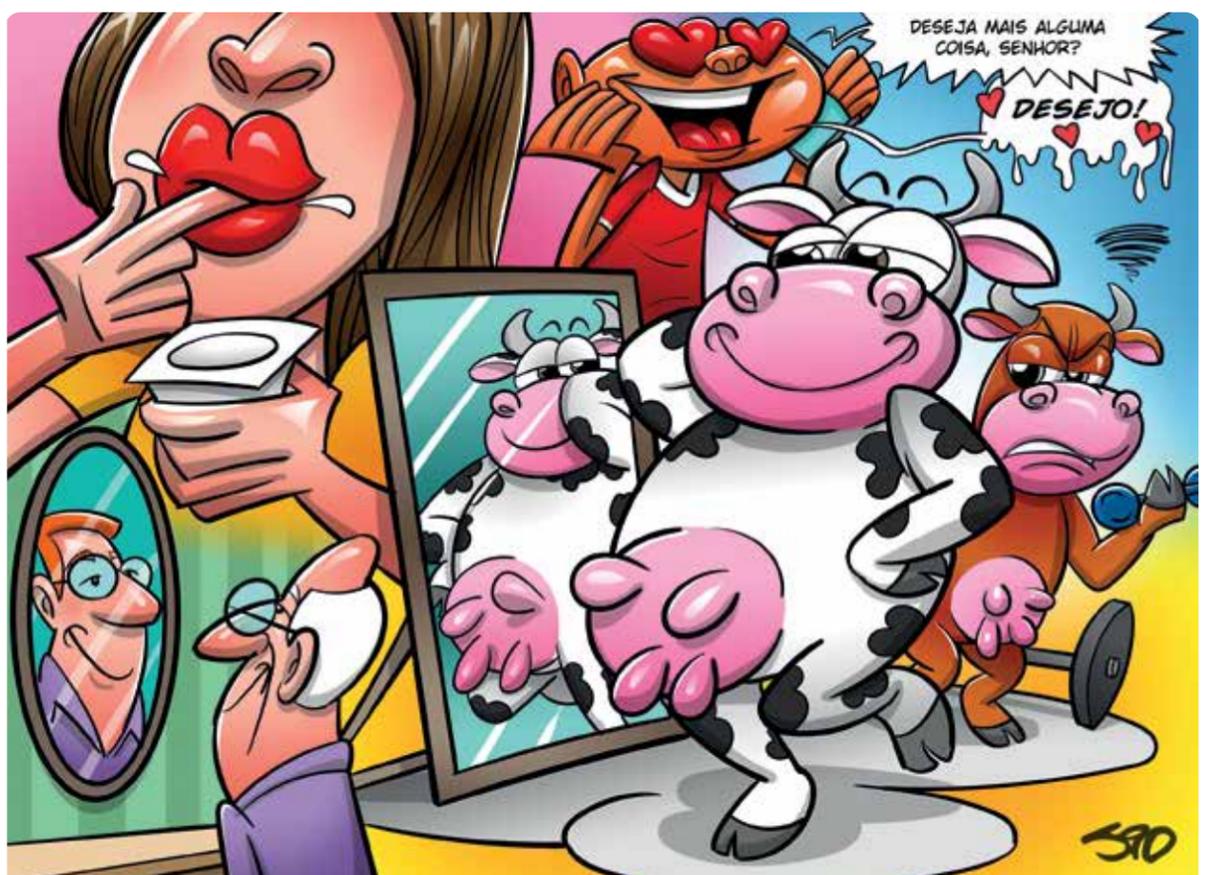
Malandra é a vaca que já nasce malhada pra não fazer academia.

Shiva

Você nasce, cresce, gasta dinheiro e gasta dinheiro e gasta dinheiro e gasta dinheiro e gasta dinheiro.

Ritinha

Perdi os traços de adolescente no dia que descobri que R\$ 10 mil não dá pra nada.



MAIS DE 350 MIL FAMÍLIAS BENEFICIADAS NA AGRICULTURA FAMILIAR.



Com investimento do Governo do Estado, a Bahia virou referência nacional na agricultura familiar, beneficiando mais de 350 mil famílias! É mais tecnologia e inovação para enfrentar a estiagem, trazer alimentos do campo para as cidades, combater a fome e levar os produtos da Bahia para o mundo.

Esse é o trabalho do Governo do Estado.

ESSA É A BOA NA BAHIA

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
TRABALHA
PRA GENTE